



## **Fluxo: Um olhar sobre a cidade<sup>1</sup>**

Artur Pistilli de FARIA<sup>2</sup>

Diogo Reis LACERDA<sup>3</sup>

Rafael de Almeida Tavares BORGES<sup>4</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

A mudança e a vivência de novas experiências é algo comum durante toda a vida humana. Morar sozinho é uma dessas experiências enfrentadas principalmente por estudantes oriundos do interior do estado e, que para concluir seus estudos, migram para a capital. *Fluxo* é um filme curta-metragem que busca mostrar de forma poética o olhar desses jovens que se deparam com uma cidade gigantesca e desconhecida repleta de novidades e possibilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; cidade; estética.

### **INTRODUÇÃO**

O curta-metragem *Fluxo* é o resultado do trabalho final da disciplina de Audiovisual I do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás. O objetivo do filme é mostrar de uma forma lírica as mudanças que ocorrem quando um estudante necessita enfrentar processos de deslocamento, devido ao ingresso em uma universidade.

Nesse sentido, a intenção da obra é construir um retrato poético e emocional do deslocamento do jovem estudante do interior do estado para a capital Goiânia. Porém, a voz do estudante não pertence apenas a ele, e sim a muitos que compartilham dessa mesma situação. Utilizando uma trilha sonora que dita o ritmo do vídeo, aliada a um discurso que se alterna entre o descobrimento, a saudade e os sonhos, o curta retrata esse novo olhar sobre a cidade grande.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial, modalidade Produção Multimídia (avulso).

<sup>2</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da FACOMB-UFG, email: arturpf@gmail.com.

<sup>3</sup> Aluno líder do trabalho e estudante do 7º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da FACOMB-UFG, email: reisdio@live.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UFG-GO, email: ratborges@hotmail.com.



## **OBJETIVO**

Transitar pelas dificuldades iniciais, pela conquista e pelo descobrimento de um novo mundo, sem deixar de lado a saudade, os sonhos e as ambições para o futuro desse estudante torna-se, pelo modo de composição do filme, o alvo do trabalho.

A cidade além de cenário é personagem do filme, uma personagem coletiva (LOPES, REIS, 2007) devido à sua grande expressão e importância no contexto de *Fluxo*. A presença da cidade como personagem na narrativa, aqui considerada como “o enunciado em sua materialidade, o texto narrativo que se encarrega da história a ser contada”, compreendendo, diferentemente do que se percebe na literatura, “imagens, palavras, menções escritas, ruídos e música” (AUMONT, 2002, p. 106), representa a opressão do indivíduo frente esse espaço bem maior que ele, um espaço que acaba por desqualifica-lo.

Vestígios? São as vidas que passaram por aí, os corpos, as palavras, as narrativas, todo um emaranhado de encontros tão intensivamente vividos quanto rapidamente perdidos. Filmada, a cidade se torna texto, hipertexto, e mesmo, simultaneamente, todas as palavras trocadas. (COMOLLI, 2008, p. 180)

O fato de não se expor a imagem do entrevistado tem o intuito de criar um discurso coletivo, comum de maneira que o espectador possa se identificar. Isso é reforçado pelas cenas onde são realizadas tarefas domésticas por uma mulher, notável pelas mãos, sendo que a voz é de uma pessoa do gênero masculino. A construção de um discurso poético a partir da rigidez e frieza da cidade, contando uma história que poderia pertencer a muitos indivíduos foi o principal objetivo que o curta-metragem buscou alcançar.

## **JUSTIFICATIVA**

*Fluxo* foi concebido para ser um filme que retratasse o choque da mudança de estudantes que saem do interior do estado para estudar na capital, morando sozinhos em uma cidade desconhecida e bem diferente do ambiente ao qual estavam acostumados. O filme usa a narração de um jovem que teve essa experiência, somada às imagens da cidade, seus movimentos e algumas cenas do cotidiano solitário de quem passa por essa experiência.



As imagens captadas buscam representar a pressa do cotidiano de uma capital usando “a principal metáfora da cidade: passagem dos homens, passagem das mercadorias, passagens dos desejos, passagem do tempo” (COMOLLI, 2008, p. 181), visto que são cenas notadamente urbanas, com carros e pessoas em destaque em uma região próxima à algumas universidades.

Buscando explorar um viés introspectivo dos estudantes, foi escolhido não usar imagens do estudante que dá o depoimento nas cenas, bem como seu nome que somente é revelado nos créditos finais. Assim, essa história não é individual, mas sim de muitos que vivem, viveram ou ainda viverão essa situação. Além do depoimento, a “cidade filmada se desdobra em um conjunto de temporalidades paralelas, de histórias sobrepostas” (COMOLLI, 2008, P.182), ou seja, mais pessoas podem identificar-se com a narrativa ou com apenas parte dela, seja por meio das visualidades da cidade filmada, da imagem sonora que se dá a ver através do depoimento, da melodia da trilha sonora, ou por todo o conjunto.

A trilha sonora explora melodias mais lentas no intuito de contrastar com o ritmo acelerado da cidade e contribuir para a sensação de introspecção. Outro aspecto importante a ser destacado é que a melodia foi composta como fruto da experiência de um estudante que viveu a mesma situação do protagonista do documentário, de mudança do interior para a capital para cursar um curso superior, de deslocamento, e dos inúmeros processos de subjetivação inerentes a ele.

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Foram utilizadas dois tipos de câmeras para as gravações. A maioria das cenas foi filmada com câmera profissional, em suporte mini-DV<sup>5</sup>. Enquanto, uma pequena parcela foi realizada com câmera digital convencional em formato digital mp4<sup>6</sup>. As cenas da cidade buscavam sempre retratar o movimento contínuo da cidade. Após conversão das imagens da fita mini-DV e dos arquivos em formato digital mp4 para formato digital avi<sup>7</sup>, foi realizado um processo de edição no *software* Adobe Premiere Pro CS5.

A trilha sonora, assim como os depoimentos foram gravados também usando câmera digital, obtendo um arquivo em formato digital mp4 que foi posteriormente

---

<sup>5</sup> Fita magnética usada para armazenar vídeos em formato digital.

<sup>6</sup> Abreviatura de MPEG-4 Part 14, um formato de vídeo de alta qualidade, proveniente do padrão MPEG.

<sup>7</sup> Abreviatura de *Audio Video Interleave*, um formato de vídeo também de alta qualidade, porém com um tamanho maior.

convertido para o formato de áudio digital mp3<sup>8</sup> e inserido posteriormente no processo de edição, após um processo de tratamento de áudio para redução de ruídos no *software* Adobe Soundbooth CS5.

## DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O roteiro inicial buscava um retrato diferente da migração do interior para a capital, usando apenas cenas da cidade e do cotidiano, sem rostos, sem o formato de entrevista, usando o depoimento apenas como elemento de composição da narrativa, se conectando com as cenas e a própria trilha sonora.

A ideia para o roteiro do documentário surgiu em meio a um grupo diverso, formado por pessoas oriundas tanto do interior do estado quanto da capital e que, portanto, possuem olhares distintos em relação à cidade de Goiânia. Após isso foi feita uma lista com possíveis perguntas ao entrevistado e uma discussão inicial a respeito de possíveis locações e planos. A partir dessa discussão o roteiro foi construído levando em consideração a proposta do documentário, seus materiais de composição e uma possível estrutura.

A próxima etapa do processo foi a gravação do depoimento, utilizando de entrevista semi-diretiva, ou seja, alguns tópicos que orientaram o personagem ligeiramente, sem seguir um formato clássico de perguntas e respostas. Assim, ele teve certa liberdade para contar sua história, para cria-la. Com esse depoimento em mãos, a próxima etapa a ser realizada foi a gravação das cenas do cotidiano, retratando ações comuns de quem mora sozinho, como preparar o café da manhã e lavar a louça.

As filmagens das cenas externas usam a própria cidade e suas passagens como elemento e “a agitação urbana torna-se a figura privilegiada” (COMOLLI, 2008, p. 183), retratada através dos carros e pessoas que passam em cena, além das interações vistas nas próprias universidades e em suas proximidades. O movimento é o elemento comum à todas as cenas. Ele é o cerne do filme no sentido em que a dinâmica entre a câmera, ainda que esteja em um plano fixo<sup>9</sup>, e o cenário urbano dialogam por meio do fluxo de pessoas e veículos. Em certos momentos a câmera é parte desse movimento e em outros ela é “espectadora” do fluxo.

---

<sup>8</sup> Abreviatura de MPEG *Audio Layer-3*, um formato que reduz significativamente o tamanho do arquivo final com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano.

<sup>9</sup> Câmera imóvel durante todo um plano.



Após as filmagens e a gravação do depoimento foi feita a escolha das cenas e falas que iriam fazer parte do filme, ou seja, foi criada uma espécie de “roteiro de edição” orientado pelas próprias imagens, tanto visuais quanto sonoras, e somente após esse processo, foi iniciada a edição, a qual buscou articular essas mesmas imagens de maneira tal que remetessem a outras, vindas da memória, das lembranças daqueles que entrassem em contato com a obra.

Após a edição da versão preliminar do filme, foi composta a trilha sonora, para que dessa maneira ela fosse criada a partir da interpretação das imagens, estreitando a conexão vídeo/áudio. Em consonância com essa ideia, Jacques Aumont nos fala:

A riqueza perspectiva típica do cinema deve-se igualmente à presença simultânea da imagem e do som, o último restitui à cena representada seu volume sonoro (o que não é o caso na pintura, no romance), dando assim a impressão que o conjunto de dados perspectivados da cena original foi respeitado. A impressão é muito mais forte quando a reprodução sonora tem a mesma “fidelidade fenomenal” que o movimento (AUMONT, 2002, p.150).

Para a montagem final do curta, com a trilha concluída, foi criada a relação de maneira ainda mais sobressalente entre as imagens visuais e sonoras por meio do alongamento de alguns planos relacionados ao trânsito de Goiânia, conhecido pelo seu aspecto caótico. Essa rarefação da imagem foi conquistada a partir da diminuição da velocidade das tomadas, com intuito de transmitir um olhar de admiração, de descobrimento, sensível aos detalhes poéticos latentes em meio ao concreto da cidade.

## CONSIDERAÇÕES

A busca do retrato poético e impessoal no filme foi alcançada e, além disso, o filme ganhou um caráter atemporal e a ideia de estudante que sai do interior para uma cidade maior, não é restrita apenas à Goiânia como cidade grande, uma vez que, por se tratar de um documentário poético, a cidade perde seu caráter individual. O modo poético em que o documentário é composto “sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais” (NICHOLS, 2008, p. 138).

O cinema busca retratar uma cidade diferente da real, já que o artista é criador de verdade, por um viés deleuzeano. *Fluxo* parte em busca disso, aliando-se a uma linguagem mais poética que traz cenas cotidianas de uma vida na cidade grande coligada às



falas do personagem que veio de uma cidade do interior em busca de um sonho. O caráter impessoal empregado no filme faz dele um espelho estilhaçado, onde o espectador que passou por essa situação consegue se identificar, mesmo que de maneira fragmentada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUMONT, Jacques. A estética do filme. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

COMOLLI, Jean-Louis. Ver e Poder: A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.

LOPES, Ana Cristina M., REIS, Carlos. Dicionário de Narratologia. 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2007.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 3. ed. Campinas, SP. Papyrus, 2008.